

FORMAS POSSESSIVAS DE TERCEIRA PESSOA: CONFRONTANDO *SEU* E *DELE* A PARTIR DA ABORDAGEM EXPERIMENTAL

THIRD PERSON POSSESSIVE FORMS: COMPARING *SEU* WITH *DELE* THROUGH THE EXPERIMENTAL APPROACH

Célia Regina dos Santos Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro
celiar.s.lopes@letras.ufrj.br

Dailane Moreira Guedes

Universidade Federal do Rio de Janeiro
dailanemg@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo mostra os resultados de um experimento cujo objetivo é avaliar a configuração da alternância entre os pronomes possessivos de 3.^a (terceira) pessoa do português brasileiro, representados pelas formas simples *seu* e a forma de-possessiva *dele* (além de suas flexões de gênero e número). O propósito é verificar, tendo como aparato teórico as premissas da Sociolinguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e as diferentes hipóteses da literatura temática (CERQUEIRA, 1993; PERINI, 1995; MÜLLER, 1997), se a alternância é um caso de *substituição* ou *especialização* de formas. A hipótese que norteia o trabalho é a de que a escolha entre os dois pronomes (*seu/dele*) é determinada pelos traços semânticos do referente possuidor, uma vez que fatores como a *natureza* (específica ou genérica) e a *animacidade* (humano ou inanimado) se mostraram relevantes na escolha entre os dois pronomes em demais trabalhos sobre o tema (SILVA, 1984; MÜLLER, 1996; GUEDES, 2015). Por meio de um teste de julgamento de aceitabilidade, pautado na abordagem experimental (DERWING E ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012), foram avaliados o comportamento dos falantes diante de sentenças com *seu e dele* e sua relação com os traços de natureza e animacidade do referente possuidor.

PALAVRAS-CHAVE: pronomes possessivos; terceira pessoa; sociolinguística; abordagem experimental

ABSTRACT:

The present article shows the results of a research that aims to evaluate the configuration of the alternation between the possessive pronouns of 3rd (third) person of the Brazilian Portuguese, represented by the simple forms *seu* 'his/her' and the de-possessive form *dele* 'his/her' (and also their inflections of gender and number). The purpose is to verify, based on the theoretical premises of Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968, LABOV, 1994) and the different hypotheses of the thematic literature (CERQUEIRA, 1993; PERINI, 1995; MÜLLER, 1997) if the alternation in focus is a case of *substitution* or *specialization* of forms. The hypothesis that guides the work is that the choice between the two pronouns (*seu/dele*) is determined by the semantic features of the possessor referent, since factors such as *nature* (specific or generic) and *animacy* (human or inanimate) have been relevant in the choice between the two pronouns in other researchs about this subject (SILVA, 1984; MÜLLER, 1996; GUEDES, 2015). Through an acceptability judgment test, based on the experimental approach (DERWING AND ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012), we evaluated the behavior of speakers in front of *seu* and *dele* sentences and their relation to nature and animacy of the possessor referent.

KEYWORDS: *possessive pronouns*; third person; sociolinguistics; experimental approach

Introdução

O português brasileiro (PB) apresenta duas formas pronominais possessivas concorrentes para a 3ª pessoa do discurso (NEVES, 1996; MÜLLER, 1996; LOPES, 2007; entre outros), que são a forma simples *seu* e a forma perifrástica *dele* (além das respectivas flexões de gênero (*sua/dela*) e número (*seus/suas, deles/delas*). Essas duas variantes, que aqui também serão chamadas de forma simples (*seu*) e forma de-possessiva (*dele*), são intercambiáveis em sentenças como a que se ilustra em (1):

- (1) a. Carlos [_{POSSUIDOR}] levou o seu filho [_{POSSUÍDO}] para cortar o cabelo.
b. Carlos [_{POSSUIDOR}] levou o filho [_{POSSUÍDO}] dele para cortar o cabelo.

As duas formas possessivas podem, por um lado, ser consideradas variantes em contextos de uso como os exibidos em (1), pelo fato de ambas funcionarem como argumento genitivo do nome ao qual fazem referência e apresentarem

marcas morfológicas do traço de terceira pessoa (cf. CASTRO, 2006; MARCOTULIO et al., 2015).

Existem, por outro lado, algumas diferenças que singularizam o funcionamento das formas simples e perifrásticas, como o comportamento morfológico e sintático. No nível morfológico, a flexão de gênero e número de *seu* se realiza em função dos traços do referente *possuído*, como se vê em (2a), ao passo que a forma possessiva *dele* concorda com gênero e número do referente *possuidor*, como se vê em (2b):

- (2) a. O rapaz e o seu caderno [POSSUÍDO MASCULINO SING.]
 O rapaz e a sua mochila [POSSUÍDO FEMININO SING.]
- b. O rapaz [POSSUIDOR MASCULINO SING.] e o caderno dele
 O rapaz e a mochila dele [POSSUIDOR MASCULINO SING.]

Outra diferença existente está no nível sintático, já que *seu* e *dele* ocupam posições distintas dentro da estrutura do sintagma possessivo em relação ao antecedente possuidor. Se *seu*, por um lado, pode *anteceder* ou *suced*er o referente possuído, como nos casos em (3a), a forma *dele*, em contramão, só pode estar posposta ao referente, conforme exemplos em (3b), sob a condição de ocasionar agramaticalidade:

- (03) a. O seu cachorro/O cachorro seu comeu o chinelo
 b. O cachorro dele/O *dele cachorro comeu o chinelo

Em função de tal problemática, estudos sobre o tema apresentam suas hipóteses para explicar como se configura o comportamento dessas duas formas possessivas de 3ª pessoa no PB. O estudo de Cerqueira (1993) sustenta que o fenômeno se configura como um caso de *substituição de formas*: *seu*, uma forma mais conservadora, estaria sendo gradativamente substituído por *dele*, forma mais inovadora, devido à pouca clareza que *seu* apresenta acerca dos traços de gênero, número e pessoa do referente possuidor. Müller (1997), por sua vez, sustenta uma hipótese de *especialização de formas*, já que, para a autora, *seu* e *dele* não apresentam o mesmo comportamento, não cumprindo consequentemente as mesmas funções. Segundo Müller (1997), *dele* é um pronome que ocorre com antecedentes referenciais (isto é, referentes que apontam para um indivíduo determinado), enquanto *seu*, em contrapartida, pode ocorrer também com não-referenciais. Já Perini (1986) defende que *dele* é atualmente

o pronome possessivo de 3ª pessoa do PB, uma vez que *seu*, após mudanças no quadro pronominal, a partir da inserção de *você* no sistema linguístico, migrou para a 2ª pessoa (cf. LOPES, 2019; LUCENA, 2019, entre outros).

Para revisitar tais hipóteses sucintamente descritas e com vistas a mostrar que *seu/dele* no PB ainda se configura como um fenômeno de variação de formas, Guedes (2015) realizou uma análise variacionista com base em amostras de fala do *Corpus Concordância*¹. As entrevistas utilizadas foram realizadas com moradores do bairro de Copacabana, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Com aparato teórico-metodológico na Sociolinguística Quantitativa Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994), estabeleceram-se como grupo de *fatores internos* as seguintes variáveis independentes: a) natureza do possuidor (genérico/específico), b) animacidade do possuidor (humano/inanimado), c) tipo de posse (material/abstrata/inalienável) e d) posição sintática do possessivo (pré-nominal/pós-nominal/predicativo/ellipse). Para os *fatores externos* foram controlados: a) a faixa etária, b) o grau de escolaridade e c) o gênero do falante, de modo que se pudesse averiguar devidamente a influência desses fatores como possíveis atuantes na alternância entre as formas possessivas em estudo.

Após análise estatística, realizada mediante o uso do programa computacional GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), os grupos de fatores *natureza do possuidor* e *animacidade do possuidor* foram apontados como favorecedores da regra variável entre *seu* e *dele*: enquanto *seu* é favorecido quando o referente é genérico e/ou inanimado, *dele* ocorre quando o referente é específico e/ou humano:

NATUREZA DO POSSUIDOR	ESPECÍFICO: 0.627	GENÉRICO: 0.090
ANIMACIDADE DO POSSUIDOR	ANIMADO: 0.519	INANIMADO: 0.184

Valor de aplicação para a forma possessiva *dele*.

Apesar de o estudo se basear em uma amostra específica de dados referentes ao Rio de Janeiro, os resultados atestam ainda um contexto de *variação*,

¹ O *Corpus Concordância* (CORPORAPORT) disponibiliza materiais de análise em diversas variedades da Língua Portuguesa. As amostras estão disponíveis ao público no endereço <http://corporaport.letras.ufrj.br>. O projeto é coordenado por Silvia Rodrigues Vieira (FL/UFRJ) e Silvia Figueiredo Brandão (FL/UFRJ).

embora se possa cogitar que estamos caminhando para uma *especialização de formas* em progresso, condicionada pelos traços de natureza e animacidade do referente possuidor.

Com respaldo nesses resultados, decidiu-se, em uma segunda etapa da pesquisa sobre o tema abordado, elaborar um teste experimental que pudesse confirmar ou refutar a atuação dos fatores *natureza* e *animacidade* na variação entre *seu/dele*. A abordagem experimental, a partir de métodos que focalizam a percepção e/ou avaliação (DERWING E ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012; KENEDY, 2015; MAIA, 2015), dá foco a questões relativas à capacidade cognitiva dos falantes de uma língua, permitindo novos esclarecimentos a respeito da temática em estudo.

No presente artigo serão mostrados os resultados obtidos ao fim da aplicação da tarefa experimental cujo objetivo era testar a influência das variáveis independentes *natureza* e *animacidade do possuidor* na alternância entre os pronomes possessivos de 3ª pessoa na modalidade escrita.

O intuito é o de compreender como funcionam as relações anafóricas em termos de processamento cognitivo e custo da memória de trabalho, já que, se esses fatores realmente forem significativos para a escolha entre *seu/dele*, haverá diferenças perceptivas entre possuidores que são retomados por cada variante possessiva.

1. Um olhar experimental sobre a variação entre *seu* e *dele*

A abordagem experimental (DERWING E ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012; KENEDY, 2015; MAIA, 2015, entre outros) permite testar hipóteses sobre um dado fenômeno linguístico em pesquisa por meio da construção e aplicação de um projeto experimental. A vantagem dessa técnica é a de que o pesquisador, por meio de uma manipulação direta sobre suas variáveis controladas, pode testar suas hipóteses criando distintos cenários linguísticos capazes de dar pistas sobre o processo cognitivo e a atividade psicológica de um indivíduo.

Introduzindo-se nos estudos linguísticos como mais uma das abordagens empíricas passíveis de utilização para a análise de dados, a análise experimental se torna mais uma ferramenta disponível para trabalho em meio ao cenário de metodologias já existentes e consagradas. Entre os métodos mais conhecidos e utilizados estão a *metodologia etnográfica*, na qual os dados são resultados

da interação real de falantes, e a *metodologia introspeccionista*, que se vale do julgamento e interpretação de um único falante. Na metodologia experimental, por sua vez, há um casamento entre as características das duas anteriores: trabalha-se com a manipulação de dados, mas as percepções de agramaticalidade/aceitabilidade são dadas por uma quantidade larga de falantes distintos, preservando a variabilidade linguística sobre um dado fenômeno e os diferentes níveis de aceitação sobre eles.

O pesquisador pode, como ponto inicial para a elaboração de um projeto experimental, se valer das hipóteses sustentadas acerca do fenômeno linguístico sobre o qual se debruça e verificar se elas realmente consistem em uma realidade psicológica na mente do falante. O método experimental muitas vezes acaba revelando que algumas das hipóteses tradicionalmente tomadas como uma realidade linguística não necessariamente são confirmadas em laboratório, sinalizando que existem questões passíveis de revisitação por uma nova perspectiva, dando vida e andamento à pesquisa científica em Linguística.

Entre as diferentes técnicas experimentais existentes, que se dividem entre *on-line* (medidas realizadas durante o ato de processamento) e *off-line* (medidas realizadas após o ato de processamento), pode-se citar, a nível de ilustração, o *priming*, a leitura automonitorada e o rastreamento ocular (*eye-tracking*) como medidas *on-line*. Os julgamentos de aceitabilidade com escala e os testes de segmentação são medidas *off-line*. Destaca-se, ainda, o fato de que o falante participa e realiza essas atividades sem consciência do que está sendo testado, de modo que os resultados obtidos não consistem em análises metalinguísticas. Para tal, a metodologia utiliza *distratores* (*filler materials*) para auxiliar na não-identificação do fenômeno em teste ou mesmo para evitar que o falante crie padrões para realizar a tarefa.

Para o estudo da alternância entre as formas pronominais possessivas de terceira pessoa (*seu/dele*), a escolha de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* será valiosa por permitir que seja observada a interferência dos fatores de natureza e animacidade do referente possuidor na percepção dos falantes do português no Rio de Janeiro. Uma vez que a abordagem experimental ainda não havia sido aplicada para a análise dos possessivos de terceira pessoa, nosso experimento se propõe oferecer uma nova ótica para a questão, com o propósito de contribuir para a discussão da temática e mostrar com a abordagem proposta pode trazer resultados frutíferos.

2. Metodologia

2.1. Variável dependente e variáveis independentes

Na formulação do experimento, consideramos como variável dependente a nota atribuída à sentença em que havia presente um pronome possessivo de 3ª pessoa (*seu* ou *dele*). As variáveis independentes postuladas foram a) o tipo de pronome possessivo de 3ª pessoa (*seu* ou *dele*), b) a natureza do possuidor (*genérico* ou *específico*) e a animacidade do possuidor (*humano* ou *inanimado*).

A multiplicação das projeções de todas as variáveis independentes selecionadas, conforme Kenedy (2015), gerou um desenho fatorial 2 x 2 x 2 para cada uma das possibilidades de manifestação (*seu vs. dele*), como consta do Quadro (1):

TIPO DE PRONOME	seu	dele
(I) NATUREZA DO REFERENTE POSSUIDOR	(1) Genérico	(2) Específico
(II) ANIMACIDADE DO REFERENTE POSSUIDOR	Animado	Inanimado

Quadro 1: Desenho fatorial do experimento.

Para a análise dos fatores que estamos controlando (*natureza do referente do possuidor e animacidade do referente possuidor*), consideramos a oposição entre dois traços elementares: *genérico vs. específico/humano vs. inanimado* (traços também observados por CASTRO, 2006; MÜLLER, 1997; SILVA, 1984). Uma vez que a classificação e definição sobre o caráter mais genérico/específico e humano/inanimado de um referente pode ser bastante diferenciada, sobretudo a depender da interpretação teórica que os autores podem ter acerca dos referentes em estudo, apresentamos aqui a interpretação e definição por nós adotada para a elaboração das frases experimentais.

Dentro do grupo de natureza do referente possuidor, tomamos como *referente possuidor genérico* os referentes que apresentam natureza vaga, por fazerem referência a um conjunto mais amplo de pessoas/elementos/coisas, e não a um indivíduo ou elemento dentro desse conjunto (ex. *A humanidade/O movimento estudantil*). Chamamos atenção para o fato de que não trabalhamos com sintagmas encabeçados por artigos indefinidos, optando sempre pelo artigo definido para padronizar as sentenças e não interferir nos resultados, já que o tipo

de artigo pode fornecer outro grau de especificidade/genericidade ao sintagma.

Como *referentes possuidores específicos*, consideramos aqueles que remetem à delimitação mais precisa do possuidor, que aparece representado, por exemplo, por nomes próprios (ex. *Xuxa/Clarice Lispector*) ou por sintagmas nominais definidos precedidos por um artigo definido e fazendo menção a um elemento dentro de uma classe maior (ex. *A médica cardiologista/O ator global*).

Quanto ao fator *animacidade do referente possuidor*, a oposição fica estabelecida entre os traços *animado vs. inanimado*. Para o primeiro, tem-se como referente um ser vivo necessariamente humano (ex. *O rapaz/A professora*). No segundo caso, a referência é feita a objetos, lugares ou qualquer tipo de ente que não seja humano ou humanizado (ex. *O Brasil/A panela*).

Os exemplos, de (4) a (7), mostram algumas sentenças formuladas para o experimento utilizando-se a combinação dos traços *animacidade* (humano e inanimado) e *natureza* (genérico e específico) do referente possuidor:

(4) HUMANO/GENÉRICO

Professores fazem greve para reivindicar o aumento dos **seus** salários

Professores fazem greve para reivindicar o aumento dos salários **deles**

(5) HUMANO/ESPECÍFICO

O primeiro colocado no concurso ganhou nota máxima no **seu** projeto

O primeiro colocado no concurso ganhou nota máxima no projeto **dele**

(6) INANIMADO/GENÉRICO

As leis e as **suas** brechas precisam ser revistas

As leis e as brechas **delas** precisam ser revistas

(7) INANIMADO/ESPECÍFICO

A política nacional e a **sua** crise desmotivam o eleitor brasileiro

A política nacional e a crise **dela** desmotivam o eleitor brasileiro

2.2. A tarefa experimental e os participantes

O teste experimental criado constitui-se de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* (SCHÜTZE E SPROUSE, 2013). Essa medida psicométrica, que é *off-line*, avalia a nota atribuída por cada participante que realiza o teste a uma dada condição experimental. A escala *Likert* é composta

por notas que vão de 1 a 5, sendo 1 a nota mais baixa, que representa a não-aceitabilidade do falante, e 5 a nota mais alta, indicando que o falante considerou a sentença vista plenamente aceitável.

No experimento realizado, a motivação para que o falante julgasse a sentença foi a possibilidade de ela poder ser ou não uma manchete. Explicamos que essa manchete não precisava ser, necessariamente, algo nos moldes de um jornal tradicional e impresso, podendo ser também pensada como a manchete de uma notícia que circula por veículos como *WhatsApp*, *Facebook*, sites de fofoca, divulgação de anúncios ou mesmo blogs voltados para a transmissão de notícias. Os exemplos citados de (4) a (7) ilustram algumas das sentenças criadas para o experimento.

Optamos pelo *design* entre sujeitos (do inglês, “*between-subjects*”), de modo que nenhum participante pudesse ver a mesma sentença com *seu* e com *dele*. Assim, não era possível fazer comparações entre as duas sentenças e julgá-las apenas pela troca do pronome possessivo. Aproveitando as mesmas sentenças e substituindo a variável dependente (*seu* e *dele*) criamos os quatro grupos de experimentos que foram aplicados a pessoas distintas, assim poderíamos ter mais segurança de que a interferência de elementos externos seria menor no julgamento das frases. O Quadro 2, a seguir, mostra o arranjo dos grupos de frases do experimento montado no *PsyScope* (COHEN et al., 1993):

GRUPO 1	GRUPO 3
Seu (Humano) – Genérico ou Específico	Dele (Humano) – Genérico ou Específico
8 sentenças experimentais (+ 16 distratores)	8 sentenças experimentais (+ 16 distratores)
10 participantes	10 participantes
GRUPO 2	GRUPO 4
Seu (Inanimado) – Genérico ou Específico	Dele (Inanimado) – Genérico ou Específico
8 sentenças experimentais (+ 16 distratores)	8 sentenças experimentais (+ 16 distratores)
10 participantes	10 participantes

Quadro 2: Distribuição das condições experimentais por grupos

Como se vê no quadro 2, no grupo 1 estavam apenas as sentenças com o possessivo *seu* em frases com possuidor *humano* em contextos *genéricos* ou *específicos*. No grupo 2, constavam-se sentenças com *seu* com possuidor inanimado nos mesmos contextos. Os grupos 3 e 4 seguem raciocínio análogo, alterando-se apenas a forma possessiva, que passa a ser *dele*.

O objetivo desse arranjo experimental impede que o participante possa comparar as sentenças construídas com o possessivo *seu* com as construídas com o possessivo *dele*, o que poderia gerar influências na nota atribuída. Tal distribuição é ainda potencializada pela presença do dobro de sentenças que são distratoras, tornando ainda mais improvável que o falante se dê conta do que está sendo testado e que possa, a partir disso, comprometer os resultados. Uma última preocupação foi *aleatorizar* (*i.e. randomizar*) o aparecimento dessas sentenças na tela do computador, isto é, não permitir que aparecessem uma após a outra, evitando que o participante notasse um padrão de exibição.

A tarefa experimental tinha duração média de 10 minutos e cada participante, que entrava individualmente na sala onde ocorria o teste, ficando isolado de ruídos, pessoas ou outros fatores que poderiam comprometer sua atenção, era exposto a um total de 24 sentenças (8 experimentais e 16 distratoras) *aleatorizadas* que apareciam consecutivamente na tela de um computador. Cada sentença ficava exposta ao participante por sete segundos, e após o término desse prazo a escala (de 1 a 5) aparecia na tela, indicando que o participante deveria atribuir sua nota ao apertar um botão em uma caixa com cinco botões, cada um representando uma nota da escala.

Com o propósito de uniformizar o perfil dos participantes que realizaram a tarefa experimental, evitando desvios no resultado do teste, estabeleceu-se que todos os voluntários fossem i) moradores do estado do Rio de Janeiro; ii) faixa etária média de 20 anos (17 a 35 anos); iii) ensino superior concluído ou em andamento; iv) formação em Letras/Linguística. Assim tentamos neutralizar fatores externos como naturalidade/origem distintas, larga diferença de idade, diferentes níveis de escolaridade ou mesmo diferentes *backgrounds* acadêmicos devido à formação a que foram expostos.

Participaram do experimento um total de 40 (quarenta) voluntários. Ao todo, cada conjunto de 10 pessoas analisou um grupo de frases, totalizando 80 julgamentos (10 participantes multiplicados por 8 sentenças experimentais para cada grupo). No cômputo geral, ao fim do experimento, obtivemos uma soma de 320 julgamentos.

2.3. Previsões experimentais

As previsões experimentais para o teste, de acordo com a hipótese inicial, são as descritas abaixo:

- a. o pronome *seu*, quando fizer referência a um *possuidor inanimado e genérico*, receberá maiores notas, ao contrário de quando fizer referência a um *possuidor humano e específico*;
- b. o pronome *dele*, quando fizer referência a um *possuidor humano e específico*, receberá maiores notas, ao contrário de quando fizer referência a um *possuidor inanimado e genérico*;
- c. nos casos em que houver um possuidor *humano*, com alternância nos traços de natureza (genérico ou específico), *dele* receberá maiores notas se o possuidor for específico e *seu* quando o possuidor for genérico;
- d. nos casos em que houver um possuidor *inanimado*, com alternância nos traços de natureza (genérico ou específico), *seu* receberá maiores notas se o possuidor for genérico e *dele* quando o possuidor for específico.

Os resultados obtidos serão mostrados na seção seguinte, por meio de gráficos que ilustram a distribuição das notas para cada condição experimental controlada.

3. Resultados

A partir daqui, serão exibidos e comentados os principais resultados obtidos ao término da aplicação do experimento e após o tratamento dos dados no software estatístico R (Plataforma R Studio). A começar pelo *boxplot* (gráfico de caixa) que ilustra o panorama dos julgamentos atribuídos às sentenças experimentais, seguiremos para a apresentação dos resultados olhando a atuação dos traços controlados. Por fim, comentaremos os resultados que apresentaram significância estatística, de modo a observar detidamente o diálogo entre as variáveis controladas e manipuladas no experimento.

3.1. Atuação dos fatores controlados: panorama geral dos resultados

O gráfico 1, a seguir, resume o resultado dos julgamentos atribuídos a cada uma das variantes (*seu* e *dele*) em função da combinação das condições

experimentais de *animacidade* (*humano vs. inanimado*) e natureza (*específica vs. genérica*) do possuidor. A visualização dos resultados se dá pelo *boxplot* (gráfico de caixas), que mostra a concentração e a distribuição dos julgamentos pelas notas atribuídas pelos participantes sob a forma de caixas. Abaixo do gráfico em 1, apresentamos as médias de notas para cada condição experimental controlada:

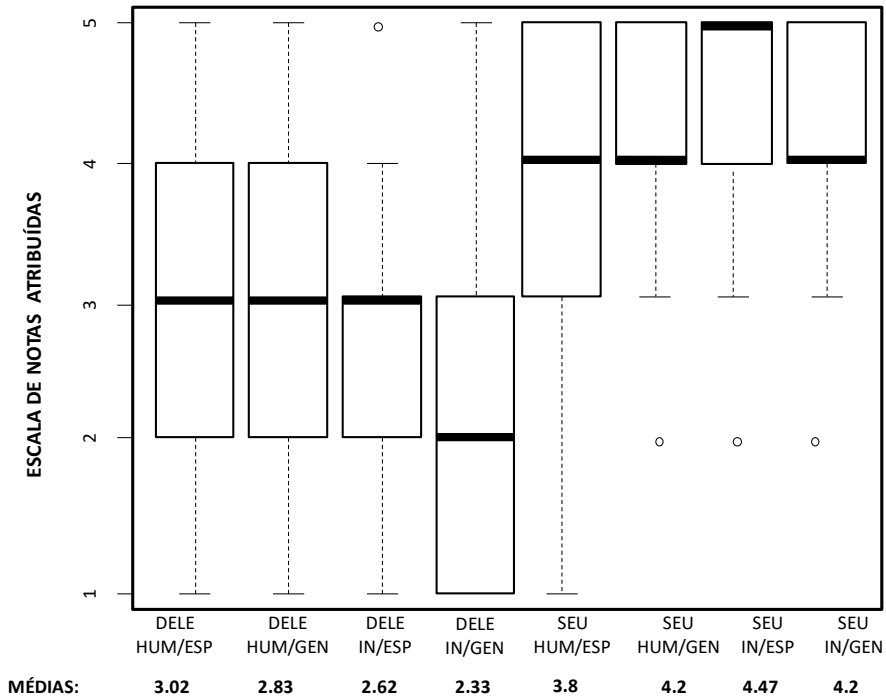


Gráfico 1: Panorama geral dos julgamentos atribuídos às sentenças experimentais com *seu/dele* em função das condições experimentais controladas.

Neste primeiro *boxplot*, como se pode observar, temos um contraponto geral de todas as condições controladas. Cada uma das oito caixas (as barras na vertical) representa o resultado dos julgamentos que se concentram na escala de notas. As quatro primeiras caixas, da margem esquerda até o centro do *boxplot*, se referem aos resultados para *dele*, enquanto as quatro últimas caixas, na margem direita, dizem respeito aos resultados para *seu*, como se pode verificar ao visualizarmos o gráfico. A faixa mais escura (linha em negrito) refere-se à mediana das notas, que representa o valor de concentração das notas.

Em termos dos resultados globais, com as notas de todos os participantes, percebe-se que as sentenças com o pronome *seu*, comparativamente as com *dele*, receberam as notas mais altas, uma vez que a mediana para *seu* atinge a nota 4 da escala em três de quatro condições experimentais. Quanto ao *dele*, observa-se que a mediana atinge um ponto intermediário da escala (nota 3), também em três de quatro condições experimentais testadas. No que se refere à posição da barra (caixa) com a concentração das notas, observamos que para *seu* as notas se concentram entre os pontos 3 e 5 da escala, enquanto para as sentenças com *dele* as caixas se concentram entre as notas 2 e 4 da escala.

Esses resultados globais do julgamento para sentenças com *seu* e *dele* indiciam aspectos não previstos na bibliografia sobre o tema (cf. PERINI, 1986). As notas mais altas para *seu* em detrimento de *dele* no julgamento dos participantes podem evidenciar que *seu* ainda é interpretado, pelo menos entre falantes do Rio de Janeiro, como um possessivo de 3ª pessoa, contrariando a proposição de Perini (1986, p. 05), que atribui exclusivamente a *dele* esta função. Obviamente que o comando do experimento pode ter influenciado nessa maior aceitação de *seu*, pois os participantes foram instruídos a analisar as sentenças como manchetes de notícias que circulam na web, o que poderia ser interpretado como sentenças mais próximas da modalidade escrita. De qualquer forma, a avaliação tão positiva de *seu* não confirma o seu desaparecimento no português como terceira pessoa, e muito menos uma substituição “completa” de formas a nível de excluí-la do quadro pronominal possessivo, seja na fala ou na escrita. A manutenção de *seu* terceira pessoa na fala carioca, aliás, já tinha sido evidenciada em Guedes (2015), que encontrou uma porcentagem de 13,5% de ocorrências na amostra de fala usada em sua análise.

Quando se contempla cada condição experimental individualmente, os resultados se mostram mais esclarecedores, reiterando os estudos sobre o tema. Ao se olhar para a média de notas atribuídas ao pronome *dele* em diferentes condições experimentais, observamos que as notas mais altas são atribuídas a *dele* com referente possuidor de traço *específico* e *humano* (média 3.02). Aparentemente o traço humano favorece *dele*, pois as medianas (3) e a área de concentração das notas são equivalentes no gráfico: notas entre 2 e 4. A média mais baixa está justamente quando a forma *dele* faz referência a um possuidor de traços *genérico* e *inanimado*: média (2.33). Essa condição recebe a menor mediana para o possessivo *dele*, que fica na nota 2 da escala, reafirmando, assim, ser menos propício nesta condição experimental, conforme previsto em nossas hipóteses.

No que concerne ao possessivo simples *seu*, nota-se que, no geral, houve bons julgamentos em todas as condições experimentais testadas. Contrariando nossas hipóteses, o possessivo *seu* teve sua maior média (4,47) com referentes *específico* e *inanimado*, seguido pelo referente *genérico* e *inanimado* (4.2) que seria o contexto mais recorrente para *seu* segundo a bibliografia. A média mais baixa para o possessivo *seu* (3.8) foi com os fatores *humano* e *específico*, o que mais uma vez corrobora a ideia de que esses fatores são mais propícios a *dele* em detrimento de *seu*. Cogita-se, com base em tais resultados globais, que a variável *animacidade do possuidor* possa, no caso do possessivo simples *seu*, ser mais significativa do que a variável *natureza do possuidor*, razão que justificaria essa condição experimental ter tido maior média de notas.

A apresentação desses resultados globais de todos os julgamentos reunidos dá um grande panorama interessante da distribuição das notas, mas pode ter mascarado a atuação de cada fator controlado, uma vez que a boa aceitação de *seu* não significa necessariamente que *dele* foi rechaçado.

Assim, para identificar se as variáveis independentes são estatisticamente significativas, submetemos os resultados ao Programa R, aplicando o teste de Wilcoxon². *Trata-se de um método não paramétrico de comparação de médias e variância de duas amostras pareadas que serve para confrontar as diferenças das notas. O teste estatístico mostra a significância em termos das diferenças comportamentais apresentadas com base no p-valor.* Estatisticamente, as diferenças são consideradas significativas se o p-valor for menor que 0,05 ($p < 0,05$) e não significativas se for maior do que 0,05 ($p > 0,05$). Tal significância indica se a diferença de comportamento observada é ou não aleatória, ou seja, se aconteceu, ou não, ao acaso. Vejamos, na sequência, os resultados do teste estatístico por condição experimental.

3.2. A atuação isolada da NATUREZA do possuidor: resultado do teste estatístico

Observaremos, para começar, os resultados para o fator *natureza do possuidor* (genérico vs. específico) das duas variantes possessivas de terceira pessoa (*seu* vs. *dele*), ilustradas nos gráficos 2 e 3. Nossa previsão era de que a variante

² A fórmula utilizada para essa testagem no programa R com os dados de *seu* e de *dele* foi: `wilcox.test (NOTA ~ X) data = FORMA.Y, conf.int = T`. Na primeira rodada, X = NATUREZA e na segunda X = ANIMACIDADE. Para cada X, Y também variava, ou seja, `data=FORMA.dele` e `data=FORMA.seu`.

seu seria mais bem avaliada quando o referente possuidor fosse genérico, como em *Os países* _[GENÉRICO] e *os seus governantes devem investir em educação*. Já a forma possessiva *dele* seria favorecida quando os referentes fossem específicos, como na sentença *O primeiro colocado no concurso* _[ESPECÍFICO] *ganhou nota máxima no projeto dele*. Vejamos as distribuições a seguir:

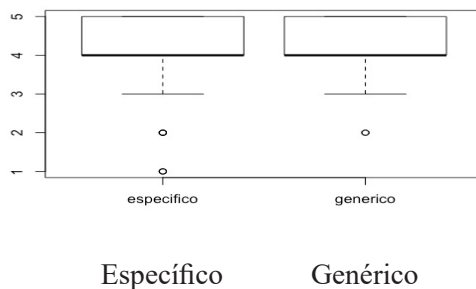


Gráfico 2: Distribuição das notas atribuídas ao pronome possessivo *seu* em função da natureza do referente possuidor.

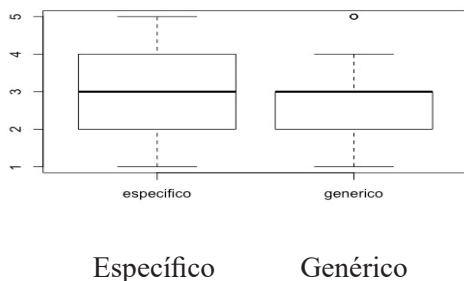


Gráfico 3: Distribuição das notas atribuídas ao pronome possessivo *dele* em função da natureza do referente possuidor.

Os dois *boxplots* (gráfico de caixas) aqui exibidos nos permitem visualizar a concentração das notas para as formas possessivas *seu* e *dele* em função dos traços da natureza do possuidor (*específico* ou *genérico*). No gráfico 2, referente às notas de sentenças com o possessivo *seu*, é possível constatar que houve uma boa avaliação por parte dos participantes seja com referente *específico* seja com referente *genérico*, pois a concentração de notas nos dois casos foi

equivalente no experimento: entre as notas 4 e 5 na escala com mediana 4. Para *dele*, contudo, a distribuição é menos concentrada como mostra o gráfico 3. Para os referentes *específicos*, a concentração das notas fica no intervalo de 2 a 4, ao passo que com referentes *genéricos* a concentração de notas está entre 2 e 3. Essa diferença pode ser notada também na dispersão (os traços pontilhados verticalmente). No gráfico 3 (da variante *dele*) a dispersão está entre 1 a 5 (se o referente for *específico*) e de 1 a 4 (se o referente for *genérico*). Dessa forma, os resultados do gráfico 3 são mais interessantes do que é observado no gráfico 2, sinalizando que *dele* com possuidor *específico* foi mais bem avaliado, conforme previa a hipótese de que referentes *específicos* favorecem o pronome perifrástico *dele*.

A análise estatística realizada a partir do teste *Wilcoxon* ratifica, de certa forma, os resultados quantitativos, principalmente no que se refere a falta de transparência dos resultados do gráfico 2 para a variante *seu*: a variável natureza do possuidor (*genérico* vs. *específico*) não se mostrou significativa, pois o *p-valor* foi maior que 0,05 tanto com os dados de *seu*³ (*p-value* = 0.8064) quanto com os dados de *dele*⁴ (*p-value* = 0.3962).

Dessa forma, podemos afirmar que, em termos estatísticos, a natureza do possuidor não interferiu no julgamento dos possessivos *seu* e *dele* no teste experimental realizado. Observemos, então, na próxima seção a significância estatística do fator *animacidade* do referente possuidor.

3.3. A atuação isolada da ANIMACIDADE do possuidor: resultado do teste estatístico

Apresentaremos neste tópico os resultados para o fator *animacidade do possuidor* (humano vs. inanimado) para as duas variantes possessivas de terceira pessoa (*seu* vs. *dele*). A previsão inicial era a de que a variante *dele* seria mais bem avaliada com possuidor *humano*, enquanto *seu* receberia notas mais altas com o referente possuidor *inanimado*. Para o primeiro, poderíamos exemplificar com a frase experimental *Xuxa* _[HUMANO] *amamentou a filha dela até os dois anos de idade*. No segundo caso, um dado ilustrativo seria *O chá*

³ Segue a regra formulada para o teste acompanhada pelo resultado: *wilcox.test(NOTA.DADA ~ NATUREZA, data = FORMA.seu, conf.int = T)*. Wilcoxon rank sum test with continuity correction data: NOTA.DADA by NATUREZA W = 2861, *p-value* = 0.8064.

⁴ Segue a regra formulada para o teste, acompanhada pelo resultado: *wilcox.test(NOTA.DADA ~ NATUREZA, data = FORMA.dele, conf.int = T)* Wilcoxon rank sum test with continuity correction data: NOTA.DADA by NATUREZA W = 3019, *p-value* = 0.3962.

de camomila _[INANIMADO] é conhecido pelo *seu* efeito calmante:

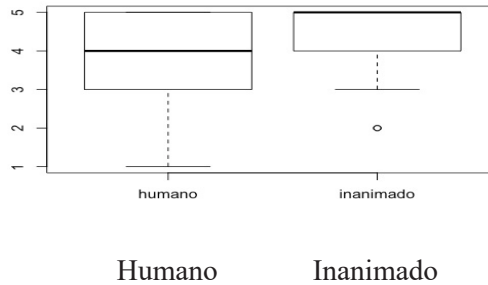


Gráfico 4: Distribuição das notas atribuídas ao pronome possessivo *seu* em função da animacidade do referente possuidor.

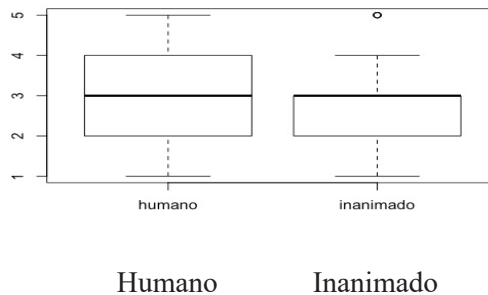


Gráfico 5: Distribuição das notas atribuídas ao pronome possessivo *dele* em função da animacidade do referente possuidor.

Os gráficos 4 e 5 relativos à *animacidade* do referente mostram-se mais elucidativos do que os anteriores por conta de uma distribuição diferenciada nos julgamentos dados pelos participantes. O gráfico 4 da variante *seu* apresenta, como mostramos desde o início da análise, notas mais altas para os dois traços (*humano* vs. *inanimado*), mas percebe-se uma distinção entre eles: a concentração dos julgamentos e mediana atingem o ponto máximo da escala (nota 5) para o traço *inanimado*, enquanto para o traço *humano* o intervalo é mais disperso (entre 4 e 5 com mediana 4). Os resultados para a variante *dele* estão em proporção inversa como mostra o gráfico 5. Neste caso, é o traço *humano* que recebe as avaliações mais altas na escala (de 2 a 4), pois as notas

para o traço *inanimado* ficam entre 2 e 3. Apesar de os resultados não serem tão polarizados, uma vez que as medianas para *dele* estão no ponto intermediário da escala (3) para os dois traços de animacidade (*humano* vs. *inanimado*), a análise estatística, feita a partir do teste *Wilcoxon*, mostrou que condição *animacidade* é significativa. Diferentemente dos resultados estatísticos para o fator *natureza do possuidor*, a *animacidade* foi considerada estatisticamente relevante com p-valor < 0,05 tanto para *seu* quanto para *dele*. Com os dados de *seu*⁵, o p-valor para animacidade foi 0.04876 e nos dados de *dele*⁶ o p-valor de animacidade foi 0.0506.

Em suma, embora o julgamento para *seu* tenha sido bem mais positivo em todas as condições experimentais realizadas no teste, é possível afirmar que a *animacidade* do referente possuidor foi considerada estatisticamente relevante, interferindo no julgamento das duas variantes possessivas de terceira pessoa, o que confirma nossas previsões iniciais de que o possessivo *dele* é significativamente mais bem avaliado que *seu* quando o possuidor é *humano*.

Para terminar, como a avaliação estatística assinalou a relevância do fator de *animacidade*, decidimos lançar um olhar mais cuidadoso para os referentes possuidores desse grupo de sentenças experimentais, com o propósito de averiguar qualitativamente outros possíveis fatores para o resultado obtido. Assim, separamos os referentes possuidores em quatro tipos de grupos: os referentes pluralizados (*Mulheres/Professores*), os de espécie (*O homem/O ser humano*), os determinados (*O primeiro colocado no concurso/A minha prima*) e os nomes próprios (*Pedro Bial, Barack Obama*). Apresentamos abaixo, no gráfico 6 a média de notas para cada um desses sintagmas:

⁵ wilcox.test(NOTA.DADA ~ ANIMACIDADE, data = FORMA.seu, conf.int = T). Wilcoxon rank sum test with continuity correction data: NOTA.DADA by ANIMACIDADE W = 2313, p-value = 0.04876.

⁶ wilcox.test(NOTA.DADA ~ ANIMACIDADE, data = FORMA.dele, conf.int = T) Wilcoxon rank sum test with continuity correction data: NOTA.DADA by ANIMACIDADE W = 3304, p-value = 0.0506.

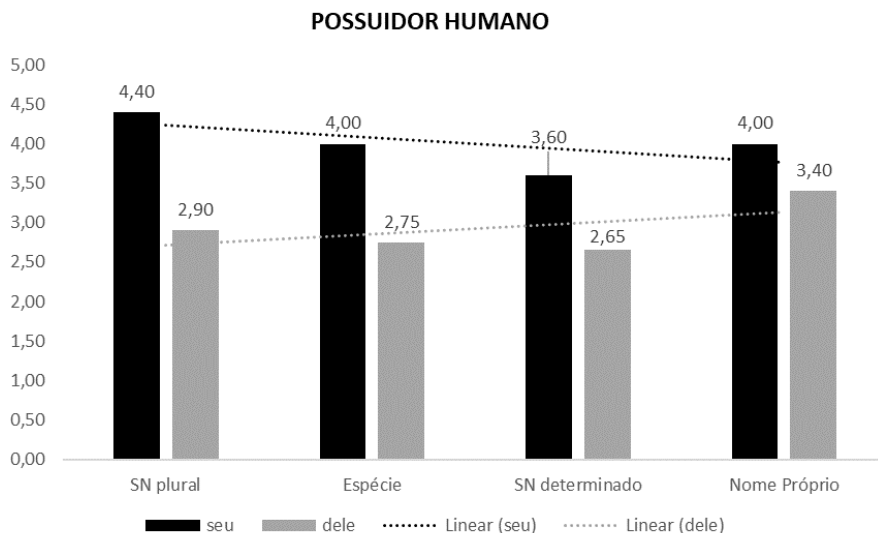


Gráfico 6: Média para os tipos de sintagmas do grupo de referentes possuidores [+ humano].

Como é possível observar no gráfico 6 as linhas de tendência (linhas pontilhadas no gráfico) indicam o movimento do aumento ou diminuição da média de notas para *seu* e *dele* conforme caminhamos por diferentes tipos de sintagmas. A forma possessiva *seu* tem uma média de notas bastante alta, pairando no ponto 4 da escala de notas em pelo menos três grupos de sintagmas: os plurais (4,40), os de espécie (4,00) e os que representam nome próprio (4,00). A média de notas mais baixas é dos SNs (sintagmas nominais) determinados, que fica na faixa de 3,60 da escala. Isso novamente reforça, conforme já comentamos, que *seu*, no geral, foi uma forma muito bem avaliada no teste como um todo, certamente pela modalidade escrita em que as sentenças experimentais foram expostas aos participantes do experimento.

Chamamos atenção, contudo, para a forma possessiva *dele*. Ao contrário de *seu*, que tem um declínio de média de notas no gráfico, *dele* tem um aumento da média conforme avaliamos os referentes pluralizados (2,90), de espécie (2,75), determinados (2,65) e, por fim, os de nome próprio (3,40). Essa ótica voltada para o tipo de sintagma do referente possuidor evidencia a significância que o fator *animacidade* apresentou estatisticamente, revelando que *dele* parece ser, conforme nossas hipóteses e as de outros autores (cf. SILVA, 1984; MÜLLER, 1997), uma forma voltada para referentes mais específicos.

Cogitamos que *dele* se comporte dessa maneira devido a sua origem como uma forma possessiva. Por ter surgido de uma forma latina demonstrativa (o demonstrativo *ille*, que tinha um valor dêitico) morfologicamente marcada para os traços de gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural), *dele* se comporta como uma estratégia possessiva que dá uma precisão muito maior às características morfossintáticas do referente possuidor, enquanto *seu*, por outro lado, foca o referente possuído.

Além disso, trabalhos diacrônicos sobre *seu* e *dele* (CUNHA, 2007; LACERDA, 2010) mostram que *dele* era frequentemente usado em construções de redobro, como no dado em (08), reforçando e apontando quem era o possuidor, uma vez que *seu*, já na diacronia, gerava ambiguidade de interpretação, sendo necessário, portanto, a recorrência de uma forma mais específica, que era justamente *dele*, para clarificar a referência:

(08) E pore~ ma~dou e outorgou esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **ssa morte dele** fiq(ue) liure e q(ui)the esse meyo desse casal. a esse Moest(eir)o de villari~o. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000) (LACERDA, 2010, p.21)

O exemplo em (08), que mostra um dos usos de *dele* ainda no século XIII, ilustra esse caráter específico da forma possessiva, que era aplicada junto ao *seu* para (*ssa*) reforçar quem era o referente possuidor, que, não por coincidência, é também [+humano] no dado ilustrativo. Outra possível evidência que reforça a boa avaliação de *dele* para referentes humanos é a hipótese de que *dele* é resultado de transformações de construções partitivas no eixo do tempo (cf. CUNHA, 2007) já que “a partitividade envolve a especificação de um subconjunto em relação ao conjunto de referência, ou seja, concebem que os partitivos estariam associados a uma interpretação de quantificação específica.” (CUNHA, 2007, p.211).

O nosso experimento, portanto, dialoga e confirma as hipóteses sobre os traços semânticos ao mostrar que os falantes apresentam uma percepção da atuação desses traços, e que tendem a avaliar melhor as sentenças em que *dele* é a forma possessiva escolhida para retomar os referentes de caráter mais específico, delimitativo, que aponta, que demarca, restringe. Ao contrário, o possessivo *seu* não dá tanto foco aos traços do referente possuidor por não trazer as marcas que focalizam o referente.

Considerações finais

Os resultados compartilhados apontam que muito ainda pode ser pesquisado no que tange à alternância entre as formas possessivas de terceira pessoa no português brasileiro (PB). Mostramos, por meio dos resultados de um experimento aplicado no Rio de Janeiro, que ainda é incerto afirmar que tenha havido substituição, exclusão ou especialização das formas possessivas de terceira pessoa (*seu* e *dele*). As variantes ainda se conservam como formas concorrentes no PB, pois todo esse processo de mudança aparenta ainda estar em andamento antes que se possa confirmá-lo com maior precisão.

O teste de julgamento de aceitabilidade, pautado na abordagem experimental (DERWING E ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012) permitiu, entretanto, a formulação de algumas considerações. Nossas previsões de que *seu* seria favorecido por referentes mais *inanimados* e *genéricos* e *dele* por referentes mais *humanos* e *específicos* foram parcialmente confirmadas. Embora tenha sido possível apontar tendências para a aceitabilidade dessas formas possessivas nos contextos em que esperávamos que elas fossem favorecidas, os julgamentos dos participantes nem sempre eram categóricos. A forma *seu*, por exemplo, foi bem avaliada como uma estratégia possessiva adequada para todos os contextos experimentais do teste, diferente de *dele*, que foi mais bem avaliado em condições mais precisas (como as de *animacidade*, conforme indicou o *p-valor* após a apuração estatística). Embora não tenha havido a confirmação completa das hipóteses, os resultados obtidos mostram, sobretudo em relação à forma *seu*, que os postulados teóricos precisam ser revisitados, sobretudo os que falam sobre a exclusão de *seu* como uma estratégia de terceira pessoa, mesmo na fala (PERINI, 1985; 2010). Conforme apontamos, em Guedes (2015) há uma ocorrência de 13,5% de *seu* na fala carioca, número que aponta que ainda há uma produtividade, mesmo que baixa se comparada a *dele*, de *seu* como terceira pessoa. Assim, não apenas a observação de dados reais feita pela autora evidencia que *seu* ainda é produtivo na 3P, mas também a abordagem experimental, por nós aqui realizada, confirma que os falantes interpretam o pronome *seu* de terceira pessoa sem maiores obstáculos, dando notas altas para ele nos contextos experimentais avaliados.

Quanto à forma possessiva *dele*, os resultados são menos conclusivos, mas também cedem margens para algumas considerações importantes. A forma *dele* apresentou uma média de notas na faixa 3 da escala *Likert*, que representa o meio termo entre as notas baixas (1 e 2) e as notas altas (4 e 5). Isso parece nos indicar, de alguma maneira, que os falantes ficaram indecisos sobre como

julgar a forma possessiva *dele*, preferindo não se comprometer entre dar um julgamento extremamente negativo ou extremamente positivo. Cogitamos que a nota 3, por ser a parte intermediária da escala, é uma nota de escape do falante que aponta um provável não comprometimento em ler a forma *dele* como “boa” ou “ruim”, mas que mostra que ele a percebe como algo possível, mas não natural o suficiente para ceder uma avaliação positiva. Outra hipótese para esse resultado, aqui por nós já levantada, é que a de que por ter sido vista na modalidade escrita, a forma *dele* talvez tenha sido mais rejeitada do que se fosse ouvida na modalidade falada.

Os resultados aqui relatados não esgotam a temática, servindo como um parâmetro para uma possível reaplicação do teste experimental, que, aprimorado e com o controle mais minucioso das variáveis e um universo maior de participantes, pode ceder ainda mais esclarecimentos sobre a alternância entre os dois pronomes possessivos em foco. Outro caminho válido é a reaplicação do teste com um experimento no qual os participantes estejam expostos à fala, de modo que se possa comparar se a mudança entre meio gráfico e fônico apresenta influências nos julgamentos realizados.

Referências

- CASTRO, Ana. **On possessives in portuguese**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8. Lisboa, Paris.
- CERQUEIRA, Vicente Cruz. **A sintaxe do possessivo no português brasileiro**. 1996. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- COHEN, J. et al. Pyscope: a new graphic interactive environment for designing psychology experiments. **Behavior Research Methods, Instruments and Computers: a journal of the Psychonomic Society, Inc.:** v. 25, n. 2, p. 257-271, 1993.
- CUNHA, Patrícia Fabiane Amaral da. **Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV**. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- DERWING, B. L.; ALMEIDA, R. G. de. Métodos experimentais em linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.) **Processamento da Linguagem**. Pelotas: Educat, p. 401-442, 2005.

- GUEDES, Dailane Moreira. **Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3.^a pessoa**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- KATO, Mary A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. **DELTA**. São Paulo: n. 1-2. p. 107-120, 1985.
- KENEDY, Eduardo. *Psicolinguística na descrição gramatical* (versão completa). In: MAIA, M. **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, p. 1-21, 2015.
- LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, v. 1. 1994.
- LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. A implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa. **Veredas on line**: Juiz de Fora, p. 20-35, 2010.
- LOPES, Celia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 103-119, 2013.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro: 5 (Especial), p. 257-294, jan.- jun. 2019.
- LUCENA, Rachel de Oliveira Pereira. O estudo da variação 'teu'/'seu': atuação do fator grau de parentesco. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro: 5 (Especial), p. 83-103, jan.-jun. 2019.
- MARCOTULIO, Leonardo L.; ASSIS, Dalila M. dos Santos de; GUEDES, Rafaela de Carvalho. De-possessivos de 2^a pessoa na história do Português Brasileiro. **Diacrítica**. Braga: v. 29, n. 1, p. 203-231, 2015.
- MAIA, Marcus. **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. Marcus Maia (org). São Paulo: Contexto, 2015. 208 p.
- MÜLLER, Ana. A gramática das formas possessivas no português do Brasil. 1997. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MÜLLER, Ana. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. **Revista da Anpoll**. v.1, p. 11-38, n.3, 1997.
- MÜLLER, Ana. O significado da ordem dos pronomes possessivos no sintagma nominal. In: **Revista da Anpoll**, n. 4, p. 11-37, 1998,
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati, MÜLLER, Ana Lúcia. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? **DELTA**, São Paulo: n. 1, p. 125-152, 1996.

- NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, vol. 2, 2008.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____. O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. **DELTA**. São Paulo: n. 1-2. p. 1-15, 1985.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. e SMITH, E. **Goldvarb X -A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SCHÜTZE, Carson T.; SPROUSE, Jon. Judgement data. In: ROBERT. PODESVA; DEVYAN; SHARMA (Eds.). **Research methods in linguistics**. New York: Cambridge University Press, p. 27-50, 2013.
- SILVA, Giselle M. O. **Varição no sistema possessivo da terceira pessoa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- TRAXLER, Matthew J. Reference. In: _____. **Introduction to Psycholinguistics: Understanding Language Science**. Boston: Wiley-Blackwell, p. 264-288, 2012.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **CORPORAPORT: Variedades do Português em análise**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Disponível em: www.corporaport.letras.ufrj.br. Último acesso em: 22 nov. 2019.
- WEINREICH, Uriel. LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

Recebido em 29 de novembro de 2019

Aceito em 14 de janeiro de 2020.